

APRESENTAÇÃO

A chamada para o dossiê “Nada toca em nada? Atualidade e tradição na poesia contemporânea de língua portuguesa (diálogos)”, do presente volume, teve como inspiração a ideia da existência de “vozes intercomunicantes em português”, proposta por Jorge Fernandes da Silveira, em *O Tejo é um rio controverso* (2008), e o seu principal objetivo foi estimular a reflexão sobre a importância do diálogo entre a poesia brasileira e a poesia portuguesa contemporâneas, como possível alternativa aos impasses resultantes daquilo a que Marcos Siscar, em *Poesia e crise* (2010), chamou de “a cisma da poesia brasileira”, sobretudo quando esse diálogo se caracterizasse pela contaminação da poesia brasileira de agora com a ambivalência que Rosa Maria Martelo, em *Vidro do mesmo vidro* (2007), destaca como uma das principais características de certa tendência da poesia portuguesa mais recente, e que é enformada pela coexistência das heranças baudelairiana e mallarmeana.

Dessa forma, numa perspectiva mais abrangente, a chamada deste dossiê tinha interesse em artigos originais e inéditos que abordassem a poesia contemporânea de língua portuguesa caracterizada por “relacionar-se com a ‘realidade’ não como suposição, mas como problema”, e que por isso mesmo se configurasse como “abertura de outras vias de relação com o mundo” (SISCAR, 2010), buscando, “nessa condição de abertura, um modo de [o poema] se tornar permeável a um real que se tornou problemático e essencialmente entendido como ausência de real” (MARTELO, 2007).

Numa perspectiva mais específica, esta chamada pretendia receber estudos sobre autores e obras das poesias brasileira e portuguesa contemporâneas nos quais “a tradição poética se [cruzasse], ou se [confundisse], com a memória individual”; que fossem capazes de fazer a linguagem suportar a declaração sentimental sem que isso significasse um retrocesso relativamente à sua depuração no sentido da busca por uma língua exclusiva; e nos quais a virtualização do real estivesse sempre presente (MARTELO, 2007).

Como resultado das contribuições recebidas e do trabalho realizado pelos organizadores, apresentamos, a seguir, os oito artigos selecionados para a composição do dossiê.

No artigo “A política da poesia: que *po-ética* em quatro poetas portugueses contemporâneos?”, Ida Alves se propõe a pensar a aproximação entre poesia, política e ética, em alguma poesia portuguesa contemporânea, bem como a refletir sobre modos de fazer ou ler poesia. Partindo de determinados ensaístas ou poetas ensaístas, a autora demonstra como a poesia das últimas décadas manteve o seu compromisso com o tempo, a história e a sociedade, resistindo a uma vida cotidiana cada vez mais mercadológica e massificada, e constituindo-se, assim, como linguagem em crise e em estado de crítica, vivenciada em espaços urbanos artificialmente globalizados. A sua reflexão se sustenta a partir de quatro poetas marcantes da atualidade portuguesa, com obras iniciadas nos anos 90 e 2000, e com diferentes graus de recepção crítica: Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Pedro Mexia e Golgona Anghel, leitores de tradições literárias e observadores da realidade contemporânea atentos e irônicos. Em sua leitura, Ida Alves provoca a ressonância de vozes como as de Jorge de Sena e Joaquim Manuel Magalhães, poetas-críticos de forte impacto no debate poético-cultural português do século XX.

Paulo Alberto da Silva Sales, no artigo “A partilha dos afetos na poesia portuguesa recente”, propõe uma reflexão sobre como a partilha dos afetos, em certos poetas portugueses recentes, tais como Manuel de Freitas, Pedro Eiras, Pedro Mexia e Golgona Anghel, é comum em cenas por ele abordadas, nas quais ocorre a figuração de um poeta caminhante urbano, em sua deambulação pelos diversos cenários da cidade contemporânea, desfigurada como espaço ruinoso. Segundo o autor, a descrição das situações degradantes impostas aos indivíduos pela economia neoliberal resultaria numa partilha de afetos capaz de aproximar os poetas e os seus semelhantes, e de torná-los conscientes dos problemas do tempo presente, marcado por desencantos, fracassos e perdas.

No artigo “A poesia de Al Berto e o descentramento poético pela desconstrução do sujeito”, ao estudar a obra *O Medo*, Gabriela Stefania Batista Ferreira, abordando temas como o descentramento do sujeito epistemológico e lírico em uma escrita com alta densidade corporal, busca demonstrar como a poesia de Al Berto resultou de um processo de observação revolucionário e propositivo, que revalorizou a subjetividade, o afeto e a herança do *flâneur*, cuja origem ela relaciona com a queda do sujeito atomizado e com o estilhaçamento do argumento autocêntrico. Em seu artigo, a poesia albertiana é vista como o resultado de um processo de observação do mundo contemporâneo devastado pela solidão resultante do contato entre corpos sem identidades, sendo uma representação atualizada da *flânerie*, levada a termo por um autor que interpenetra imagens concebidas

intersubjetivamente e que propõe a revalorização da subjetividade e o resgate do afeto, até então destruídos pelo paradigma de vida contemporâneo – uma “vida de infinito caos”.

Elizabete Farias de Castro, no artigo “Alquimistas do ordinário e tessituras surrealistas: representações do ‘real’, vozes e imagens do invisível nas poesias portuguesa e brasileira contemporâneas”, a partir do contributo dos estudos antropológicos e filosóficos do imaginário, e tendo em vista, especialmente, poemas de Isabel Meyrelles, Leonora Rosado, Roberto Piva e Rita Medusa, busca redimensionar o impacto do Surrealismo nas poesias portuguesa e brasileira contemporâneas, numa tentativa de compreender como a criação poética, num estado entre o sono e a vigília, tem sido capaz de se voltar para aquilo que, no mundo, é possível experienciar e fingir de forma ontológica, teológica ou suprassensível, dando origem a elaborações abstratas, semioticamente complexas e que subvertem o pensamento linear.

No artigo “Além da espera: reconstruindo Penélope e Mariana Alcoforado em Ana Martins Marques e Adília Lopes”, Camila Nakamura Vieira levanta reflexões sobre as reconstruções do passado promovidas por essas escritoras, a partir da noção de tradição literária, e tendo em vista o entendimento da intertextualidade enquanto memória. A autora demonstra como as experiências de espera amorosa e de reencontro dos personagens homéricos Penélope e Ulisses, quando reconstruídas por Marques, possibilitam a iluminação da perspectiva de Penélope e de sua própria odisseia silenciosa, assim como a reinvenção de Lopes acaba por alterar os rumos da freira Mariana Alcoforado e do marquês Noel Bouton de Chamilly, revelando um alto teor de coincidências entre as práticas textuais de Ana e Adília, que parecem dividir estratégias comuns na retomada da memória poética.

Sandro Adriano da Silva e Giovana Buch Sgrignoli, no artigo “‘Penélope assustada’ e ‘Penélope paciente’: figurações do feminino em dois poemas de Mônica de Aquino”, considerando a construção da metáfora e seus sentidos, bem como a figura de “Penélope”, refletem sobre as figurações do feminino na seção “A memória das mãos”, da obra *Fundo Falso* (2018), de Mônica de Aquino. Segundo os autores, a poeta elabora uma imagem que se distanciaria da imagem clássica de Penélope, narrada no canto II da *Odisseia*, de Homero, resgatando a imagem arquetípica das fiandeiras, a fim de revelar um eu lírico feminino que expressa sua própria subjetividade e seu desejo.

No artigo “Roseana, básica e transcendental”, Rafael Santana examina o livro *Emaranhado* (2023), de Roseana Murray, e adentrando a interseção entre vida e poesia, explora as interlocuções da autora com a sua expressividade artística, ao analisar poemas

nos quais ressalta, por exemplo, a simbologia da lua e do pão, a relação entre feminilidade e poesia, além de estabelecer uma articulação psicanalítica com temas quer freudianos, quer lacanianos. O autor aborda, na esteira das reflexões da psicanalista Maria Homem (2020), a importância de se ouvir o silêncio em meio à tagarelice do século XXI, destacando a habilidade da poeta em transitar por entre o sombrio e o luminoso, sempre regressando com uma mensagem de esperança em meio às caóticas – e não poucas vezes mortíferas – cenas da vida contemporânea. A sua conclusão é a de que Roseana Murray, por meio de um exercício metapoético, submete a sua visão sobre o processo de escrita e sobre a própria existência ao gesto de pensar – enquanto artista – o seu lugar *de* humanidade e *na* humanidade e, por conseguinte, a sua própria finitude.

Por fim, Mariana Soares dos Santos e Zilda Dourado Pinheiro, no artigo “A tradição cristã e a memória coletiva nos poemas “Lição” e “Poema de João”, de Noémia de Sousa”, destacam os aspectos da linguagem relacionados à tradição cristã europeia e à memória do território moçambicano. Para tanto, as autoras se baseiam nos estudos acerca da memória coletiva e individual, bem como sobre aspectos das narrativas africanas de língua portuguesa, o que as permite tornar evidentes o conflito existente entre o pensamento colonial internalizado na memória moçambicana e os racismos opressivos que sufocam os eu-poéticos nos dois poemas estudados. Desse modo, elas buscam demonstrar que os processos coloniais nos territórios africanos foram permeados pela sistematização da violência física e simbólica, e que a construção de uma literatura nesses países, com o tempo, significou o estabelecimento de uma conduta de revisionismo histórico e de apropriação da linguagem e da narrativa discursiva. A conclusão a que as autoras chegam é a de que a poesia de Noémia de Sousa, para além de refletir sobre o colonialismo português em Moçambique, mobiliza a própria língua portuguesa para atribuir protagonismo ao povo moçambicano, secularmente excluído, da mesma forma como faz com as narrativas tornadas invisíveis pela colonização.

Silvio Cesar dos S. Alves¹

Gabriela Silva²

André Carneiro Ramos³

¹ Doutor em Literatura Comparada (UERJ). Professor de Literatura Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2429-8468>. E-mail: silvioalves@uel.br

² Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS). Professora adjunta de Estudos Literários na Universidade Federal do Rio Grande. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6249-5166>. E-mail: gabrielasilva@furg.br

³ Doutor em Literatura comparada (UERJ). Professor efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais, (Passos, MG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1269-982X>. E-mail: andre.carneiro@uemg.br